

Boletim de Conjuntura

**Publicação do Instituto de Economia
da Universidade Federal do Rio de Janeiro**

**Outubro de 2000
Volume 20 - Número 3**

- ▶ *Estratégias fora do lugar*
- ▶ Financiamento do Balanço de Pagamentos: Perspectivas para o Médio e Longo Prazos
- ▶ Nota sobre Utilização de Capacidade e Produtividade do Capital: ainda a Questão do Teto
- ▶ Taxas de Câmbio Reais e Efetivas com Dupla Ponderação para os Manufaturados
- ▶ Quantas Recessões a Argentina pode agüentar?

Antônio Barros de Castro - Antonio Luis Licha

Caio César Lock Prates da Silveira - Francisco Eduardo Pires de Souza

Jorge Chammi Batista - Lavinia Barros de Castro - Margarida Maria Sarmiento Gutierrez

Paulo Gonzaga Mibielli de Carvalho - Rogério Studart - Silvio Sales de Oliveira

Estratégias fora do lugar

Difícilmente alguém pode negar que a grande desvalorização de janeiro de 1999 revelou-se altamente exitosa. O seu sucesso pode aliás ser apreciado por três ângulos.

Primeiramente, o enorme temor quanto ao impacto inflacionário da desvalorização mostrou-se infundado – e aqui reside um grande contraste com experiências como as do México e da Indonésia. Além disto, à desvalorização não se seguiram a quebra em massa de empresas e o mergulho da economia numa grande recessão. Finalmente, a desvalorização ensejou um aumento das exportações líquidas que deu partida a uma retomada do crescimento, já no segundo semestre de 1999.

Deflagrada pela desvalorização, a presente reativação da economia possui uma grande virtude quando contrastada com os demais movimentos expansivos ocorridos nos últimos 20 anos (e logo a seguir abortados): ela não vem acompanhada do agravamento de qualquer desequilíbrio macroeconómico. Em certa medida por esta mesma razão, a atual retomada traz consigo uma sensível melhoria das expectativas em relação ao futuro – fato aliás sugerido pelo renovo do interesse pelo tema crescimento económico.

Para quem compartilha a visão que acaba de ser evocada acerca do quadro geral da economia e, mais que isto, acredita que após as tempestades dos anos 1990, as empresas aqui sediadas encontram-se amplamente reestruturadas, os resultados previstos para 2000 (e particularmente para o corrente semestre) são, no entanto, relativamente frustrantes. O crescimento industrial está mais para 6% do que para 7%, e o da economia fica mesmo próximo a 4%. É bem verdade que em ambos os casos são resultados sensivelmente superiores às projeções da grande maioria dos analistas. Não há contudo que ocultar decepções:

no nosso caso, pelo menos, os resultados ficam um pouco abaixo das expectativas. Além disto, a redução do déficit comercial será insignificante, e o Balanço de Transações Correntes repetirá um desempenho semelhante ao de 1999 - vale dizer, tão desfavorável quanto o do ano anterior.

Não seria difícil atribuir a fatores exógenos o que estamos aqui chamando de relativa frustração dos resultados. Houve turbulência na área externa em abril/maio (prejudicando o ânimo da recuperação), e volta a haver agora (vide seção Panorama Geral). Mas quero crer que há também um outro fator que pode estar começando a limitar ou conter o impulso expansivo da economia. Tento a seguir chamar a atenção para êle.

As empresas tomam decisões de dois tipos. O tipo de decisão mais estudado - e convertido em objeto por excelência da teoria económica convencional -, é a reação a mudanças de preços relativos. Há no entanto um outro género de decisões, que envolve a própria reavaliação das prioridades e objetivos da empresa. Isto pode implicar mudanças no grau de verticalização, nas faixas de mercado a serem disputadas (no mercado doméstico, nas faixas A e B ou, alternativamente, C e D; no exterior, mediante disputa de mercados com chineses, ou, digamos, italianos e espanhóis), bem como nos esforços de pesquisa ou de itálico marketing. Mudanças desta ordem de grandeza ou profundidade são capazes de alterar a própria identidade das empresas. Usualmente elas são referidas como mudanças de estratégia.

Voltemos à desvalorização.

As empresas brasileiras foram atingidas pela desvalorização após anos de turbulência inflacionária e acentuado fechamento, seguidos de uma abertura acompanhada de flagrante sobrevalorização. Tenho

chamado a estratégia predominante neste período de “entrenchamento”. Trata-se de um expediente que, exitoso em muitos casos (durante a fase que precede a desvalorização), acentua decididamente a necessidade de redefinições estratégicas na atualidade. Se antes da desvalorização estávamos com preços fora do lugar, agora estamos com estratégias fora do lugar!

À luz do que acaba de ser dito, a grande preocupação do governo com o incentivo às exportações (e até mesmo com a substituição e importações) parece certa, mas em alguma medida míope. Trata-se em última análise de uma tentativa de reforço (acentuação) do efeito-preço das desvalorizações. O mesmo não pode ser dito, contudo, acerca das incipientes iniciativas de revisão e intensificação das políticas tecnológicas. Aqui, sim, o foco das atenções está voltado para o que poderíamos denominar de efeito-estratégia – ou seja, o reposicionamento de longo prazo das empresas, como resposta ao (novo) quadro com que se defrontam.

As empresas, espontaneamente – e execuções à parte - tendem mais a demandar reforços do tipo preços (redução de impostos, juros mais baixos e até mesmo desvalorização cambial) do que apoio à

reformulação de estratégias. Afinal, e como já foi dito, a revisão das estratégias, longe de mexer apenas com a assignação de recursos, requer o reexame da inserção da empresa no tecido econômico doméstico e, claro, no quadro externo.

Em última análise, o que está aqui sendo sugerido como tema de discussão, é a possibilidade de grandes mudanças na visão do futuro das empresas – o que poderia ser assumido como objetivo de governo, de entidades da sociedade civil, lideranças políticas e empresariais. A adoção de uma nova rodada de estratégias pode se revelar crítica para que se possa ir além dos bons resultados iniciais da desvalorização. Caso contrário, uma ou outra empresa, isoladamente, dará o seu salto adiante. Mas a economia como um todo corre o risco de evoluir mediocrementemente - isto é, a um ritmo muito inferior ao previsto para um bom número de economias emergentes. Neste caso, insisto, os resultados obtidos pela desvalorização teriam sido um sucesso localizado – ao qual não teria se seguido a descoberta e aproveitamento de novos caminhos para o crescimento.

Antônio Barros de Castro

Universidade Federal do Rio de Janeiro